Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

POÉTICAS DO CORPO-ESTUDANTE NA CIDADE

POETICS OF THE STUDENT-BODY IN THE CITY

POÉTICAS DEL CUERPO-ESTUDIANTE EN LA CIUDAD

Karyne Dias Coutinho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal/RN, Brasil

Yogi Medeiros de Brito Lucena
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal/RN, Brasil

Resumo

Este texto apresenta e discute questões de um projeto que investiga deslocamentos do *corpo-estudante* na cidade, por meio de caminhadas de deriva que convidam a mapear afetos. Com orientação metodológica da cartografia, e em conexão com um conjunto de referências teóricas e artísticas que se situam nas interfaces entre artes, educação e cidade, aborda-se aqui um exercício performático realizado como ação da pesquisa, que apontou poéticas de um corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas, associadas a disposições de errância, ludicidade, presença, atenção e escuta. Como desdobramentos da pesquisa, pergunta-se o que tais poéticas podem dar a pensar ao campo da educação.

Palavras-chave: Corpo-estudante. Deriva na cidade. Artes cênicas e educação.

Abstract

This text presents and discusses issues related to a project that investigates the movements of the student-body in the city, through drifting walks that invite us to map affections. With a methodological orientation from cartography, and in connection with a set of theoretical and artistic references that are situated at the interfaces between arts, education and the city, we address here a performance exercise carried out as a research action, which pointed out poetics of a student-body that wanders through urban landscapes, associated with dispositions of wandering, playfulness, presence, attention and listening. As developments of the research, we ask what such poetics can give us to think about in the field of education.

COUTINHO, Karyne Dias; MEDEIROS DE BRITO LUCENA, Yogi. POÉTICAS DO CORPO-ESTUDANTE NA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-23, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Keywords: Student body. Drifting in the city. Performing arts and education.

Resumen

Este texto presenta y discute cuestiones de un proyecto que investiga los movimientos del cuerpo-estudiante en la ciudad, a través de paseos a la deriva que invitan al mapeo de afectos. Con la orientación metodológica de la cartografía, y en conexión con un conjunto de referentes teóricos y artísticos que se sitúan en las interfaces entre las artes, la educación y la ciudad, abordamos aquí un ejercicio de performance realizado como acción de investigación, que señaló poéticas de un cuerpo-estudiante que deambula entre paisajes urbanos, asociadas a disposiciones de deambulación, juego, presencia, atención y escucha. Como resultado de la investigación, nos preguntamos qué pueden estas poéticas darnos a pensar en el campo de la educación.

Palabras clave: Cuerpo-estudiante. Deriva en la ciudad. Artes escénicas y educación.

Introdução

Este texto apresenta e discute questões de um projeto de pesquisa que investiga andanças/movências/errâncias/deslocamentos do *corpo-estudante* na cidade, ensaiando-se habitar a tensão entre presença e sentido (Gumbrecht, 2010), por meio de caminhadas de deriva que convidam a mapear afetos (Spinoza, 2022) entre paisagens urbanas (Santos, 2002)[1].

Tal projeto compõe uma das ações de ensino-pesquisa-extensão do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN)[2], que atua nas conexões

[1] Esse projeto nasceu como um desdobramento da pesquisa "A dimensão poética da formação docente" (Coutinho, 2023), realizada com financiamento do CNPq, por meio da Chamada Universal n. 10/2023 (processo 421193/2023-9). Os sentidos que atribuímos à expressão *corpo-estudante* estão sendo elaborados no decorrer das duas pesquisas, alguns deles apresentados ao longo deste texto, sobretudo nas duas últimas seções.

[2] O Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN) investiga conexões entre artes cênicas e educação, em duas frentes de trabalho: 1) elaboração de cartografias das potencialidades educativas de processos artísticos, no âmbito do teatro, da dança e da performance, perguntando como suas diferentes matrizes estéticas podem nos ajudar a deslocar sentidos e práticas já cristalizados no campo educacional; 2) pesquisa sobre a dimensão poética da docência, investigando as contribuições da área das artes cênicas para a produção de conhecimento relativa à formação inicial e continuada de professores. Tendo a experimentação como modo de habitar a pesquisa entre artes cênicas e educação (Coutinho, 2024), o Coletivo está atualmente composto por pesquisadores de mestrado, doutorado e pós-doutorado vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e em Artes Cênicas (PPGARC), por estudantes de licenciatura em Pedagogia, em Teatro e

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

entre artes cênicas e educação, e que tem a experimentação como modo de habitar a pesquisa acadêmica. Composto por artistas pesquisadores de ambas as áreas (educação e artes cênicas), e tendo a *itinerância*, a *performação* e a *ludicidade* como princípios que configuram o caráter experimental de nossas ações (Coutinho, 2024), o Coletivo tem enveredado cada vez mais por caminhos que nos levam a desemparedar a lida universitária, usando a cidade como um laboratório de experimentação acadêmica e artístico-pedagógica.

Iniciativas dessa natureza tem sido frequentes, por exemplo: 1) nos cursos de formação continuada de professores que realizamos junto a redes públicas de ensino, convidando os participantes a encontros formativos que se dão em caminhadas pela cidade ou debaixo de árvores próximas às escolas (Coutinho, 2022); 2) nas aulas que ministramos na universidade e nas nossas reuniões periódicas, realizadas a cada semana numa praça diferente da cidade, onde propomos e efetuamos programas performativos (Fabião, 2013) para estudo de textos de referências, sejam elas teóricas, conceituais, metodológicas, artísticas, filosóficas; 3) nas sessões públicas de defesa das nossas pesquisas: bancas de TCC, mestrado e doutorado já foram instaladas em corredores da universidade, em escolas públicas, em praças públicas de bairros periféricos, dentro de um ônibus em movimento, caminhando pela rua, ou à sombra de uma árvore, por exemplo; 4) no Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA), que organizamos a cada dois anos, de modo itinerante,

> percorrendo cidades e ocupando espaços públicos de arte, cultura e educação em geral (praças, parques, ruas, escolas, museus, teatros) com nossos estudos, pesquisas, conversas, com nossos sonhos, perguntas, provocações. Deslocar a atividade acadêmica das salas da universidade para distintos espaços da cidade implica também um deslocamento de corpos, pensamentos, ideias, afetos, sentires... (Coutinho, 2024, p. 118).

Isso significa que em todas essas ações acadêmicas que se dão por meio da ocupação artística e educacional da cidade, não se trata simplesmente de transferirmos o que se faz na universidade para um espaço público, mas, assim

em Dança da UFRN, bem como por professores(as) colaboradores(as) vinculados(as) ao Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp/UFRN), ao Instituto de Artes da UNESP e à Faculdade de Artes da Universidade de Luanda (Angola). @poeticasdoaprender. E-mail: poeticasdoaprender@gmail.com.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

procedendo, trata-se, sobretudo, de colocarmos atenção nas relações que vamos estabelecendo com os espaços e na abertura que tais relações permitem a nossos modos de sentir, pensar, estudar, escrever, pesquisar. Nessas experimentações, passamos cada vez mais a viver e entender as paisagens urbanas como lócus de diferença e de encontros pedagógicos e poéticos, o que tem nos propiciado discutir a dimensão lúdica da cidade enquanto "tática arte-educativa" (André, 2019), capaz de fazer emergirem distintos modos de pensar questões educacionais (pedagogias, escolas, currículos, aulas, etc.), a partir da ocupação performativa de locais públicos, além de incentivar o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares que estejam mais conectadas com os contextos sociais e culturais das cidades.

Foi em meio a essas ações que nasceu o projeto do *corpo-estudante*, inicialmente envolto a uma série de perguntas que fomos elaborando coletivamente como um primeiro exercício da pesquisa[3]: O que pode um corpo-estudante que se dispõe a investigar seus trajetos errantes na cidade em ações cotidianas aparentemente simples como escutar, ver, sentir, atentar, conversar, silenciar? O que afeta esse corpo? Que nuances do caminho lhe despertam? O que o convoca a se demorar um pouco mais? Que coisas lhe distanciam? O que um corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas pode nos dar a sentir-pensar? É possível fazer/desfazer/refazer um corpo-estudante a partir de suas relações estabelecidas em andanças na cidade? Um corpo-estudante à deriva na cidade se abre a uma ação transformadora de si? Um corpo-estudante experimenta a si como algo que conhece e desconhece ao mesmo tempo? Pode esse corpo se tornar disponível para construir-se diferente do conhecido? O que a paisagem urbana pode nos dizer sobre um corpo que estuda?[4].

Realizamos a atividade de elaboração das perguntas não com alguma pretensão de que a pesquisa pudesse nos indicar as respostas de cada uma, mas

[3] Acreditamos junto com Walter Kohan (2023, p. 11) que as perguntas são a infância do pensamento: "se trata de encontrar problemas que afecten a los participantes en el ejercicio de pensar juntos. Las preguntas son un punto de partida para la reflexión. Invitan a recorrer nuevos caminos. Es importante que los participantes hagan y se hagan preguntas como forma de abrir estos nuevos espacios de pensamento".

[4] A expressão corpo-estudante refere-se a qualquer corpo que se põe a estudar, estando incluídos aqui professores e professoras.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

sim para disparar possibilidades de exercícios que queríamos criar para experimentar o corpo-estudante na cidade.

Assim, tínhamos as perguntas e tínhamos também um conjunto de referências teóricas que já nos acompanham em nossas ações, dentre as quais destacamos aqui algumas que se situam nas interfaces entre artes, educação e cidade, a saber: André (2019), Alice (2016), Deligny (2018), Helguera (2011), Lepecki (2012), Hoff (2008), Marques (2017a, 2017b), Pais (2016), Pereira, (2022), Rachel (2013), Rodrigues (2018), Ugliara (2013), entre outros. Quanto à metodologia da pesquisa, nossa orientação está na cartografia de Deleuze e Guattari (1995), sobretudo quando tematizada por Rolnik (2011), Costa (2014) e Passos, Kastrup e Escóssia (2012).

Como nossa aposta é a de fazer pesquisa considerando-se a experimentação enquanto modo, sentimos que, apesar do conjunto de perguntas e de referências teórico-metodológicas de que dispúnhamos, eram as referências artísticas que melhor poderiam nos inspirar na composição de um exercício de deriva para a pesquisa: e saímos em busca delas.

Referências artísticas

Em nossa busca por referências artísticas que nos mobilizassem a compor nossos caminhos, encontramos trabalhos muito interessantes, dentre os quais destacamos aqui apenas alguns.

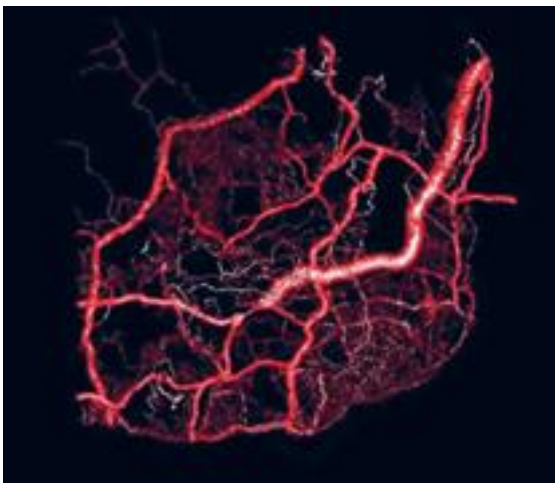
Um deles é o do artista visual português Pedro Miguel Cruz (2013) que, utilizando recursos digitais, desenvolveu um vídeo de animação no qual transforma as ruas da cidade de Lisboa, Portugal, em um coração pulsante, bombeando sangue, de forma a mostrar a cidade como um organismo vivo. Para a criação desse mapa em movimento, o artista utilizou dados reais dos deslocamentos de veículos na cidade durante um período de 24 horas, com base em informações sobre o trânsito local. A obra, intitulada Vasos Sanguíneos de Lisboa (2013), estabelece uma analogia entre o intenso fluxo de trânsito da cidade e as veias que

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

se expandem e se contraem à medida que o sangue (representado pelos veículos) circula por elas. “A cidade pulsa como um coração”[5].

Figura 1 – Vasos sanguíneos de Lisboa (2013), de Pedro Miguel Cruz
Vídeo de animação computacional. Portugal, 48min.



Fonte: https://web.facebook.com/watch/?v=331947574207269. Acesso: 19 fev. 2025.

Outra obra que nos serviu de referência artística para a composição do exercício da pesquisa do corpo-estudante é da performer brasileira Eleonora Fabião (2010), que levou para as calçadas da cidade duas cadeiras e um cartaz com a frase “converso sobre qualquer assunto”. Diante dessa cena, as pessoas se aproximaram e compartilharam com a artista suas experiências, dúvidas, alegrias, frustrações.

Figura 2 – Converso sobre qualquer assunto (2008), de Eleonora Fabião

[5] Frase do site Existência Numérica, em página destinada a obras do artista Pedro Miguel Cruz. Disponível em: https://www.existencianumerica.com.br/2018/artistas-pt/pedro-miguel-cruz.html. Acesso: 19 fev. 2025. Mais informações sobre essa obra e demais obras do artista podem ser encontradas em Medeiros (2019).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

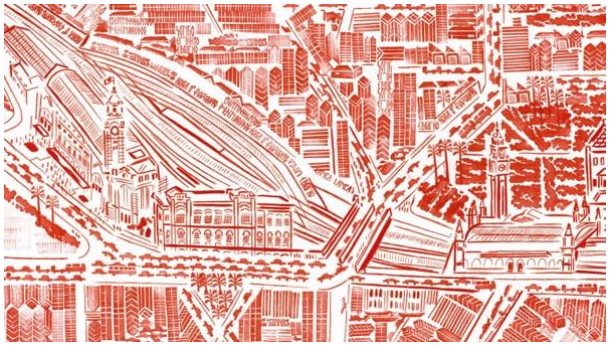


Fonte: https://issuu.com/bibliobelas/docs/samuel_demerson_tcc/s/12920265. Acesso: 19 fev. 2025

De acordo com Fabião (2010), essa performance experimenta um novo tipo de relação tanto com os indivíduos quanto com o espaço urbano, já que era recorrente que o tema das conversas girasse em torno do próprio local onde a ação se desenrolava, evidenciando que as pessoas compartilhavam seus afetos em relação ao espaço onde estavam situadas. Nesse sentido, a performance reafirma que os afetos não emanam dos espaços isoladamente, mas sim das interações entre as pessoas que circulam por eles[6].

Além dessas, destacamos aqui também outras duas obras, ambas ilustrações do artista visual Andrés Sandoval em relação à cidade de São Paulo. A ilustração *Carimbos Vermelhos* (2014) apresenta a cidade em linhas vermelhas, como malhas urbanas, feitas com carimbos e lápis de cor[7].

Figura 3 – Carimbos vermelhos (2014), de Andrés Sandoval



Fonte: https://www.andressandoval.com/. Acesso: 19 fev. 2025

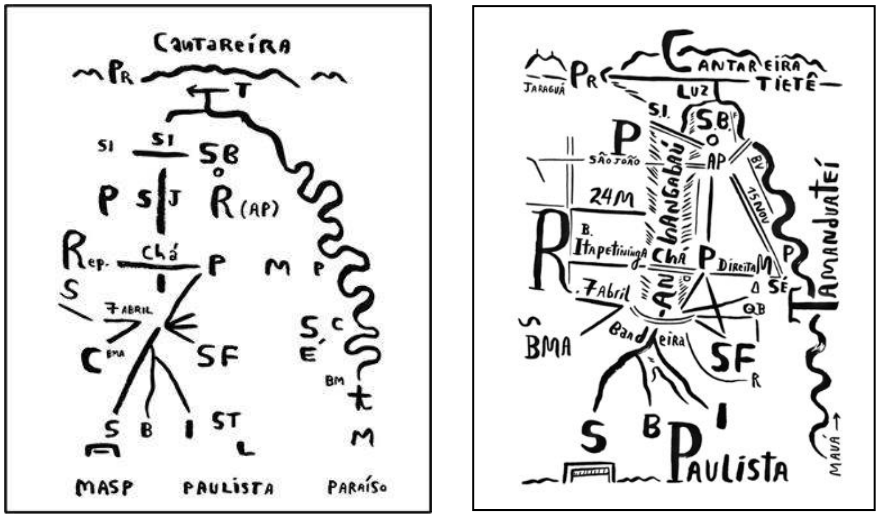
[6] Mais informações sobre essa e demais obras da artista podem ser encontradas no site *Arte Bra*, em página destinada a Eleonora Fabião. Disponível em: https://www.colecaoartebra.com/eleonora-fabi%C3%A3o. Acesso: 19 fev. 2025.

[7] A obra foi feita para um guia da cidade de São Paulo, distribuído no Alliance Graphique Internationale [Aliança Gráfica Internacional] (AGI) Open, evento realizado em São Paulo, em 2014.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

As ilustrações *Mapas do Centro de São Paulo* (2021) são desenhos do centro histórico de São Paulo feitos em nanquim, no que parecem ser mapas dos afetos do artista Andrés Sandoval em relação à cidade[8].

Figura 4 – Mapas do Centro de São Paulo (2021), de Andrés Sandoval



Fonte: https://www.andressandoval.com/. Acesso: 19 fev. 2025

Concordamos que cada uma das obras que referimos merece um texto todo somente para si. No entanto, dados os limites de extensão deste artigo, optamos por não entrar na discussão de cada obra em específico, seja em função do espaço de que dispomos aqui, seja para não nos desviarmos do foco central desse trabalho. Assim, ainda que não nos dediquemos agora a analisar aspectos das obras, consideramos importante trazer algumas delas para cá, mesmo que muito brevemente, apenas para que possamos mostrar os bocados de coisas que foram nos abrindo possibilidades para a composição que queríamos fazer de um exercício para pesquisarmos o corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas. As relações que íamos estabelecendo com essas obras foram nos

[8] Mapas produzidos para a Desestrutura, uma plataforma independente idealizada em 2019 por Olivia Abrahão para discutir as intersecções e experimentações entre arte e arquitetura. Disponível em: www.desestrutura.com.br (@des.estrutura). A série completa dos mapas e outras obras do artista podem ser encontradas em: https://www.andressandoval.com/. Acesso: 19 fev. 2025.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

indicando dois princípios que acabaram por sustentar a elaboração do exercício. São eles:

 # Cidade como um organismo vivo de afetos. A cidade se materializa a partir das experiências afetivas que os indivíduos atribuem aos seus deslocamentos poéticos pelas linhas e malhas urbanas.

 # Cidade como um corpo feito de encontros. Um indivíduo à deriva mapeia afetos a partir dos encontros que tem com forças humanas e não humanas na cidade, estando suscetível às experiências e transformações que nela ocorrem.

A composição do exercício

Com essa dupla de princípios, derivada das relações que estabelecemos com nossas referências artísticas, elaboramos o exercício intitulado ‘‘errâncias do corpo-estudante na cidade’’, cuja proposta inicial consistia em três momentos:

O primeiro momento estava destinado a um aquecimento de presença (Gomez-Peña; Sifuentes, 2013), composto de três ou quatro exercícios breves de aguçamento dos cinco sentidos, a fim de tornar o corpo um pouco mais disponível para entrar num estado de presença.

O segundo momento, que consiste no coração do exercício, estava composto das seguintes ações: 1) Sair a caminhar à deriva, individualmente, pelas ruas do bairro, colocando atenção em detalhes dessa caminhada: calçadas, casas, prédios, comércios, pessoas, cheiros, sons, cores, texturas, formatos, tamanhos, tipos, pedaços, esboços, etc. 2) Marcar com giz os locais em que sua atenção vai sendo mais capturada. 3) Seguir caminhando até sentir que pode abordar uma pessoa na rua e conversar com ela, perguntando três pontos: o nome da rua em que estão; se já aconteceu alguma coisa com essa pessoa naquela rua (a intenção é que a pessoa apresente a rua a partir de seus afetos); e como a pessoa poderia renomear a rua a partir do que ali lhe aconteceu. Pedir que a pessoa marque com giz o local de seu afeto. 4) Abordar outras pessoas (incluindo também a você) com as mesmas perguntas, até o horário de reencontro no local de concentração. 5) Estar de volta ao local de concentração após uma hora de início desse segundo momento.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Já de volta ao local de concentração, o grupo de participantes tinha à sua disposição uma bobina larga de papel *kraft*, que foi disposta no chão tal como a superfície de um mapa, formando um quadrado de pelo menos três metros de cada lado, sobre o qual estavam colocados os seguintes materiais: carretéis de linha de crochê fina de cores diversas, tesouras, bastões de cola e canetas piloto coloridas. Reunidos em torno disso, os participantes foram convidados às seguintes ações que compuseram o terceiro momento: 1) Mapear em linhas de crochê (coladas no papel *kraft*) os percursos de afetos encontrados nas ações do momento anterior. O mapeamento é feito simultaneamente por todos os participantes, cada um registrando seu próprio percurso sob a superfície plana. Pode-se retirar os sapatos e entrar no próprio mapa, habitando-o ao mesmo tempo em que o desenha. Participantes podem sobrepor seus percursos caso se encontrem no mapeamento. Para indicar que houve uma parada no percurso, o participante coloca um ponto no papel, com caneta piloto, e escreve ali uma ou mais palavras que designem os afetos encontrados (pode-se registrar também os nomes com os quais as pessoas batizaram as ruas). Feito isso, segue traçando suas linhas e seus pontos até que sinta que tenha registrado todo o seu percurso realizado. 2) Escrever em fluxo contínuo os afetos encontrados nos percursos da ação anterior. A escrita é individual, com duração de cinco minutos corridos. 3) Após a escrita, formar um círculo com todos os participantes ao redor do mapa. Observar os desenhos que emergiram e conversar em torno de algumas questões: O que você percebeu ao se experimentar como um corpo-estudante na cidade mapeando afetos? O que você sente que compõe um corpo-estudante após essa experimentação na cidade?

A realização dessa proposta inicial nos levou a tentarmos uma versão mais reduzida dela, suprimindo quase todo o terceiro momento, na intenção de sentirmos se o exercício teria a mesma força caso colocasse grande parte da sua energia apenas nas ações que tinham o corpo como próprio material. E nos perguntamos: se retirarmos todo o material do exercício (giz, papeis, linhas, tesouras, colas, canetas) e contarmos apenas com o suporte do próprio corpo, o exercício também nos levará a mapear afetos do corpo-estudante na cidade? Assim, tivemos duas versões do exercício: uma com os três referidos momentos; e

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

outra que retirou quase todo o terceiro momento, mantendo-se dele apenas a parte final da conversa.

Com alguma variação entre essas duas versões, o exercício foi realizado três vezes até esse momento da pesquisa, em três diferentes locais de centros urbanos[9]. As duas primeiras experimentações aconteceram nos dias 10 e 23 de abril de 2024, ambas na zona leste da cidade de Natal/RN, respectivamente no bairro Alecrim, tendo a Praça do Relógio como local de concentração; e no bairro Cidade Alta, partindo do Largo Rui Barbosa[10].

Após as duas experimentações em Natal/RN, apresentamos essa nossa pesquisa no XII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação (CIFE). Tendo a ação de "errar" como tema dessa edição, o evento convidou os participantes a realizarem "exercícios errantes" que foram vivenciados de modo itinerante durante o colóquio, passando por cinco diferentes zonas da cidade do Rio de Janeiro[11]. Abrindo um importante espaço experimental para o estudo de errâncias (Kohan, 2014, 2015), a proposta do evento era fazer do "erro" tanto a forma quanto o conteúdo dos exercícios, cujo foco não estava apenas no deslocamento físico, mas sobretudo na ocupação dos espaços urbanos, como praias, favelas, trens, escolas, parques. No contexto de nossa participação no XII CIFE, a terceira

[9] A equipe de trabalho que atuou na produção e na performação das primeiras experimentações para a pesquisa sobre o *corpo-estudante* foi composta pelos seguintes pesquisadores(as) do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN): Arthur de Araújo Pereira, Beatriz Simonetti Laux, Denis Silva Castro, Dennis Emanoel Xaxá da Silva, Francisco Ivanilton Honorato da Silva, Helena Villar Dantas Saltoris de Aguiar, Ivone Priscilla de Castro Ramalho, José Alisson Carlos Fernandes de Lima, José Lucas dos Santos, José Walter Almeida Sá, Jullyana Maria Moreira Julião, Karyne Dias Coutinho, Raimundo Nonato Costa Neto, Tatiane Cunha de Souza, Wilza Lima dos Santos e Yogi Medeiros de Brito Lucena, entre outros(as) participantes, estudantes do curso de Licenciatura em Teatro da UFRN, que se somaram às ações.

[10] O bairro Alecrim é um dos mais populosos, antigos e tradicionais de Natal/RN e tem a Praça do Relógio como sua referência central. Ainda que tenha se conservado como residencial, atualmente compõe uma área predominantemente voltada para atividades comerciais urbanas: seu comércio é considerado o mais significativo da cidade, fazendo com que o bairro receba um grande fluxo de pessoas diariamente, tanto residentes locais quanto visitantes de outras áreas da cidade e do estado. O bairro Cidade Alta, como um dos primeiros locais de ocupação de Natal/RN, é reconhecido enquanto berço da capital do estado e centro artístico e cultural, abrigando importantes construções centenárias (tal como o Palácio da Cultura onde fica a Pinacoteca Potiguar), que carregam um conjunto de valores histórico-culturais marcantes para a memória da cidade (Silva, 2023).

[11] Organizado e realizado pelo Núcleo de Estudos em Filosofias e Infâncias, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEFI/UERJ), o XII CIFE aconteceu de 6 a 10 de maio de 2024, passando por: UERJ e arredores do estádio Maracanã, bairro de Bangu na Zona Oeste, Duque de Caxias na Baixada Fluminense, Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira na Zona Norte, Largo da Carioca e várias outras partes do Centro Histórico e Zona Sul do Rio, em teatros, museus e centros culturais (XII CIFE, 2024).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

experimentação da pesquisa do corpo-estudante consistiu na própria apresentação do nosso trabalho no evento, no dia 9 de maio de 2024, no Centro do Rio de Janeiro/RJ, tendo o Largo da Carioca como local de concentração[12].

Como referimos, o exercício consistia em se deslocar à deriva pela cidade para mapear afetos do corpo-estudante[13]. Partimos do princípio de que as linhas urbanas são costuradas por seres humanos e não humanos que, com suas narrativas e potências, estabelecem uma infinidade de relações com o entorno. A cidade, assim, é habitada por afetos circulantes. O que um corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas pode nos dar a sentir-pensar? O que uma experimentação dessas na cidade pode nos dizer sobre um corpo que estuda?

Poéticas do corpo-estudante[14]

A realização das três experimentações que fizemos até agora do corpo-estudante à deriva na cidade, bem como o retorno aos dispositivos de acompanhamento da pesquisa — bloco de notas, fotos, áudios, vídeos, mapas dos afetos desenhados coletivamente no papel *kraft*, e o próprio momento final do exercício, que consistiu na roda de conversa com os participantes da prática — nos permitiram esboçar certas disposições que podem ser lidas como poéticas de um corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas, e que serão aqui apresentadas transitando por dois caminhos entrecortados.

[12] O Largo da Carioca é um dos principais e mais movimentados espaços públicos do centro do Rio de Janeiro/RJ. Abriga diversos comércios, instituições bancárias, um antigo templo religioso, escritórios e consultórios, além de ser um ponto de interligação da linha prioritária do metrô. Marcial (2008) destaca que a localização estratégica do Largo da Carioca, como um ponto de encontro e distribuição das principais linhas de transporte coletivo, o torna um local central e um trajeto indispensável para quem circula pela cidade.

[13] Afeto no sentido de Spinoza (2022), não como um sentimento geralmente associado a coisas positivas, mas como uma força que aumenta ou diminui a nossa capacidade de agir no mundo: aquilo que nos afeta e que nos move numa determinada direção.

[14] No contexto de nossa pesquisa, o termo *poética* não faz referência a códigos estéticos relacionados à poesia, nem a convenções ou regras de composição de poemas ou construção de versos; portanto, não usamos *poética* como associada a alguma forma de expressão literária e à arte da palavra escrita. Empregamos o termo *poética* estritamente em seu sentido etimológico, do qual se ocupa Paul Valéry (2018) nas suas *lições de poética*: entendida como *poien*, que etimologicamente significa "a simples noção de fazer". Poética entendida como o fazer que se realiza em alguma obra, a partir da ideia de que somos levados "a considerar com mais prazer e até com mais paixão *a ação que faz* do que *a coisa feita*" (p. 23).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

 # O corpo-estudante compactua com a rua e se permite surpreender nas relações que vai estabelecendo em suas andarilhagens.

Um corpo-estudante que não foi informado sobre o que precisa encontrar, e de quem não se espera nada em troca, é um corpo que acaba por se deixar surpreender. Dentre as disposições que emergem, pode-se dizer que um corpo-estudante que erra na cidade compactua com a rua e as relações humanas e não humanas que nela podem se estabelecer. Um corpo do qual não se espera que controle suas ações de estudo em função de metas e resultados previamente definidos desde fora por outrem, torna-se um corpo que se deixa ser na caminhada, que se permite tornar-se nas relações que irrompem.

Kohan (2014, 2015) afirma a errância como ato de se deslocar sem antecipar o sentido da jornada, pois é na própria viagem que os sentidos são dados: uma prática para a vivência do acaso. Sentimos ressoar essa prática nas andanças do corpo-estudante que erra entre paisagens urbanas: os vários encontros que ele experimenta (com sons, animais, carros, fendas, nuvens, cheiros, muros, pessoas, cores, árvores, infâncias, memórias, prédios, etc., etc.) são propiciados sobretudo porque este corpo não tem que chegar a um lugar específico. Quando se baixam as expectativas por resultados ou quando se suspende a ansiedade de ter que cumprir um trajeto já previamente delimitado, abrem-se espaços para que coisas aconteçam na caminhada.

Nesse sentido, a relação estabelecida entre o corpo-estudante e a cidade é do tipo lúdica, provocada por uma experiência de desautomação cotidiana. Isso desloca a ideia do espaço urbano como sendo apenas funcional, passando a ser percebido como um campo aberto para criação do próprio espaço, de si, do outro, do tempo, da vida... Para Huizinga (2019), a ludicidade consiste não apenas numa atividade recreativa, mas sim numa dimensão fundamental da experiência humana: uma força que constitui culturas e sociedades e que, portanto, está implicada na criação da vida social e cultural das cidades. Assim, tal como Guy Debord (2003) afirma em relação à teoria da deriva, podemos dizer que o corpo-estudante se faz indissociável da afirmação de um comportamento lúdico, na medida em que ele se entrega às solicitações do terreno e dos seres que nele venha a encontrar: observa com mais cuidado as adjacências do entorno, o que

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

pode levá-lo a dirigir-se a outros transeuntes. Pode não encontrar ninguém, ou encontrar por acaso aquele com quem se dará o “encontro possível”. Seja como for, o tempo que o corpo-estudante aí passar terá um desenrolar imprevisto, envolvendo-o num jogo, tal como entendido pelos situacionistas, em que se desfaz qualquer elemento de competição:

> O único sucesso que alguém pode conceber no jogo é o sucesso imediato de sua ambiência e o aumento constante de suas forças [...], seu objetivo deve ser o de, no mínimo, provocar condições favoráveis para viver a vida de forma direta. (Internacional Situacionista *apud* Ugliara, 2013, p. 13).

Assim, um corpo-estudante que erra na cidade se experimenta como *homo ludens*. Nas palavras da artista, professora e pesquisadora Milene Valentir Ugliara (2013, p. 13):

> Diante do *homo faber*, habitante da cidade anexado ao produtivismo do mundo do trabalho/consumo do capitalismo, exercitar o *homo ludens*, capaz de subverter a ideia de jogo de viés competitivo e excludente, afirmando aproximações mais autônomas e poéticas.

Conectado a isso, um corpo-estudante-*ludens* que aceita o desafio de errar na cidade permite-se mudar a rota e construir novas sempre que o instante assim lhe demandar. E ainda que seja um lugar conhecido, os caminhos a serem feitos na deriva são sempre novos, porque não são corriqueiros. O interessante é que, quando se suspende o destino final, o corpo *sente de fato que o caminho se trata mais de fazer* e não tanto de chegar a algum lugar previamente determinado desde fora por outrem. Se há destino, ele é sempre móvel e deve ser feito a cada vez por cada participante, em suas relações com o caminho, no próprio caminhar, o que equivale a dizer: os caminhos do estudo são feitos ao caminhar/estudar, não há passos definidos a serem seguidos, quem estabelece o passo seguinte é o percurso, guiado pela conexão de suas próprias forças. O que conecta possibilidades e dá sentido à construção dos trajetos parece ser a atenção que se emprega na errância — o que se desdobra em disposições de presença, atenção e escuta, compondo um segundo caminho entrecortado, por onde transitam as poéticas de um corpo-estudante, tal como segue.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

 # O corpo-estudante ativa em si um estado de atenção e escuta que lhe permite experimentar estar um pouco mais à espreita (presença).

Dentre as disposições que emergem de um corpo-estudante que faz seu próprio caminho ao andarilhar entre paisagens urbanas, pode-se dizer que ele desperta em si estados de presença que lhe permitem estar atento ao que lhe afeta no percurso: tenta adivinhar o que dizem os seres humanos e não humanos encontrados no trajeto. Aguça sua capacidade auditiva: escuta as pessoas e coisas à sua volta, não apenas em relação aos barulhos, ruídos, sons e narrativas que fazem, mas escuta também suas formas, olhares e sorrisos, ainda que não verbalizem suas histórias. Tenta acompanhar as pessoas em suas maneiras de narrar e às vezes se irrita com o não sentido do outro, e tem que se deslocar para ver e sentir de outros modos. Tudo se torna um pouco mais passível de se estranhar e, portanto, de se ver de novo, sentir o cheiro ou o gosto de novo, tocar de novo, escutar de novo, como se fosse pela primeira vez. Nesses movimentos, abrem-se possibilidades de que lugares, coisas, seres sejam ressignificados.

> Atenção é precisamente estar presente no presente, estar ali de tal forma que o presente seja capaz de se apresentar a mim (que ele se torne visível, que possa vir a mim e eu passe a ver) e que eu seja exposto a ele de tal forma que eu possa ser transformado ou "atravessado" ou contaminado, que meu olhar seja libertado (pelo "comando" daquele presente). Pois tal atenção torna a experiência possível. (Masschelein, 2008, p. 42).

Encontramos ressonância nessa afirmação de Masschelein (2008) sobretudo porque, nas experimentações de deriva do corpo-estudante entre paisagens urbanas, fomos sentindo juntos que estudar não é apenas tornar algo conhecido, mas fazer esse algo existir. Presença. Caminhamos, conversamos, desviamos, arriscamos, sentimos... Experimentamos formas distintas de perceber o que mais nos convoca, o que nos distancia, o que nos arrisca, o que nos concentra, o que nos distende, nossos limites, nossas forças... Experimentamos um tipo de tensão que é própria das nossas tentativas de suspender a relação sujeito/objeto, deixando-nos sentir como força que faz corpo com outras forças da rua. "Experimentamos o estudo ao modo de criação nas artes, na sua abertura e inexatidão, não porque seja mistério, mas porque pode ser muitas e muitas coisas

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

(isso e aquilo e outra coisa ainda...). Inexato" (Coutinho, 2024, p. 108). Um exercício que se dedica mais a inventar os caminhos do estudo, deixando que seu conteúdo emerja deles, do que a reconhecer algo já posto a estudar. Incorporamos o estudo não como compreensão, mas como trilha errante que talvez nos permita acessar aquilo que não reconhecemos, que foge à representação... Nesses exercícios, temos encontrado que "o estudar caminha para nós mais ao lado do estranhar — e, diante disso, do escutar, adivinhar, improvisar, jogar, errar, inventar — do que da assimilação de conteúdos postos" (*id.*). Assim, um corpo-estudante a deriva entre paisagens urbanas experimenta o estudo na sua errância:

> o errante é um des-prendido; ele não se prende a si, aos centros, aos núcleos; [...] ele está atento e aberto inteiramente aos sinais do que demanda atenção, por isso sua errância é uma forma de sensibilidade, de preocupação em relação com o fora e seus habitantes. (Kohan, 2014, p. 2).

Em estado de presença, atenção e escuta (Ingold, 2015; Nardim, 2014; Silva e Kohan, 2024), o corpo-estudante que erra na cidade percebe os detalhes daquilo que lhe toca mais intensamente, e compartilha as relações que estabeleceu, os sentidos que atribuiu, as perguntas que encontrou, e também os riscos que correu, os medos, as angústias, as descobertas, os anseios, as adivinhações que fez. Prestar atenção nas forças com as quais se encontra, mas sobretudo no tensionamento das relações que vai com elas estabelecendo, pode aproximar esse corpo-estudante das singularidades de suas potências, fornecendo-lhe informações importantes sobre como habita o mundo: seus ritmos, seus estranhamentos, seus choques, suas fluências, suas travas, seus *insights*, enfim, suas forças. Em conversa posterior com outros corpos que também se experimentam errantes na cidade, cada um a sua maneira, podem perceber que o mundo é muito mais múltiplo em suas formas de se estar nele do que o cotidiano tem nos permitido vivenciar.

Em suas errâncias na cidade, ele experimenta cintilâncias de um corpo que é ao mesmo tempo *sinestésico*, que combina sentidos e sensações distintas (vê sons, sente cores, cheira formas, etc.), e *cinestésico*, que sente seus movimentos musculares por meio de estímulos do próprio organismo. É um corpo que estuda

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

com a pele, os olhos, o nariz, os ouvidos, a boca, com a musculatura, os ossos, as articulações... Assim, torna-se um corpo que de fato sente a si enquanto estudante, e com isso sente que sua atividade de estudar não se reduz a processos mentais, deslocando os sentidos que geralmente se atribui ao corpo no estudo, como se fosse apenas um instrumento da cognição. Um corpo-estudante que erra na cidade sente na própria pele que os atos de estudar, conhecer, aprender são corporificados, são encarnados, ou seja: estão diretamente associados a uma certa experimentação do corpo.

Considerações finais

Como referimos, a pesquisa sobre o corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas nasceu em meio a um conjunto de experimentações que fazemos para investigar as possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir das artes cênicas. Assim, o que apresentaremos como considerações finais desse texto são, na verdade, inícios que estão sendo compostos como desdobramentos do nosso exercício errante, que nos permitiu encontrar dois caminhos entrecortados pelos quais transitam o que passamos a chamar de poéticas do corpo-estudante.

O que as poéticas do corpo-estudante que erra na cidade podem nos dar a pensar no campo da educação?

Colocar o corpo-estudante à deriva na cidade significou para nós colocar à deriva nossos próprios modos de pensar coisas que envolvem a educação: currículo, didática, planejamento, avaliação, objetivos de aprendizagem... Ou seja, deslocar o corpo que estuda (da escola para a cidade) implicou para nós um deslocamento reflexivo sobre aula, professor(a), aluno(a), ensino, aprendizagem... Um corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas suspende a lógica binária do certo e do errado, e se permite errar como estudo, faz do erro sua forma de estudar, ou: encontra suas formas de estudar na errância, na deriva, na andarilhagem. Não faz do caminho um meio para aprender, mas aprende no meio do caminho. E na escola?

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Ao pensarmos sobre isso, essa pesquisa nos permitiu encontrar ressonâncias numa pergunta que nos foi feita por Walter Kohan (2007) numa das suas muitas caminhadas filosóficas: “nós, professores e professoras, conseguimos nos desprender da ideia de que sabemos o que é importante que os alunos e as alunas saibam?” E essa provocação nos fez seguir com nossas questões: Perguntamos às pessoas da escola o que e como lhes toca estudar? Cuidamos para que as pessoas da escola tracem seus caminhos de estudo?

Foi assim que as poéticas do corpo-estudante que erra na cidade nos abriram a um emaranhado de outras questões relativas ao estudo na escola: Se o currículo escolar é quem determina o destino final do estudante no que se refere aos objetivos, conteúdos e modos da aprendizagem, há lugar na escola para que cada estudante possa descobrir aonde chegou enquanto faz seus próprios caminhos de estudo na relação com outros e outras? Na escola, há lugar para que cada um de nós tracemos nossos destinos de aprendizagem, no próprio ato de estudar? Ao estudarmos, cumprimos um destino já inteiramente traçado por outros ou fazemos nossos próprios caminhos de estudo? Há espaços abertos nos planos de ensino para que possamos exercitar a improvisação na escola (Coutinho, 2018)? Quando um estudante na escola cumpre um caminho com destino final já previamente determinado desde fora, o que ele ou ela está aprendendo sobre estudar, e sobre si mesmo como um corpo que estuda? O que esse corpo está aprendendo sobre o modo como ele próprio se relaciona com o mundo? Ao traçar nosso destino final como estudantes, o que a escola está nos ensinando sobre nossas próprias forças como potenciais fazedores de caminhos? O que a escola está nos ensinando sobre nossos próprios modos de habitarmos o mundo? “O que se ensina quando se ensina alguma coisa?” (Pereira, 2022, p. 37). O que a escola nos ensina quando traça um destino de aprendizagem comum a várias pessoas ao mesmo tempo?

A pesquisa do corpo-estudante que andarilha entre paisagens urbanas nos mostrou que o exercício que compusemos para ela tenta se construir a cada vez como um jogo inteiramente experimental que não pretende chegar a uma conclusão sobre o corpo-estudante e que, portanto, não é ponto final, são reticências: é o meio de um trajeto e talvez o início de tantos outros. “O que é

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

possível pôr por escrito são apenas algumas senhas desse grande jogo" (Debord, 2003, p. 90). Um exercício entre artes cênicas, educação, filosofia, cujo resultado "traz as marcas do caminho – sem perfeições [...], um rastro de experiência, com suas belezas, erros e contradições. O que há por vir terá que ser inventado de novo" (Ugliara, 2013, p. 129). Assim, ao invés de se preocupar em concluir algo sobre o tema, é um exercício que se ocupa de escutar o pulso do corpo que estuda: sentir seu próprio corpo-estudante andarilhando entre paisagens urbanas e, na conversa com outros e outras, perceber como ele reverbera no campo da educação.

Quando estamos na escola, ousamos experimentar poéticas do corpo-estudante à deriva na aula, no ensinar, no aprender? O que uma tal experimentação poderia na escola?

Referências:

ALICE, Tania. **Performance como revolução dos afetos**. São Paulo: Annablume, 2016.

ANDRÉ, Carminda Mendes. Quando a cidade nos ensina: pistas para o híbrido professor performer andarilho. **Manzuá**. Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, Natal-RN, v. 1, n. 2, p. 34-49, 2019.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago., 2014.

COUTINHO, Karyne Dias. Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender: experimentação como modo de habitar a pesquisa em artes cênicas. **Rascunhos**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 102-123, ago./dez., 2024.

COUTINHO, Karyne Dias. **A dimensão poética da formação docente**. Projeto de Pesquisa aprovado e financiado em Chamada Universal CNPq/MCTI n. 10/2023 (processo 421193/2023-9), 2023.

COUTINHO, Karyne Dias. Dimensão artística da formação de professoras/es. In: COUTINHO, Karyne Dias; FUSARO, Márcia (Org.). **Educação, artes e outras linguagens em devires cartográficos**. São Paulo: Tesseractum, 2022. p. 8-14.

COUTINHO, Karyne Dias. Por uma didática da improvisação. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 121-132, jan./abr. 2018.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

CRUZ, Pedro Miguel. **Vasos sanguíneos de Lisboa.** 2013. Vídeo de animação computacional. Lisboa (PT), 48 min.

DEBORD, Guy. Teoria da deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Internacional Situacionista. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 87-91.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1995.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**. Operários, artistas, revolucionários: educadores. São Paulo: n-1, 2018.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo em experiência. **Ilinx**, Revista do Lume: UNICAMP, 2004, dez., 2013.

FABIÃO, Eleonora Batista. Ações Cariocas: 7 ações para o Rio de Janeiro. **Cavalo Louco**, v. 8, 2010.

GÓMEZ-PENA, Guillermo; SIFUENTES, Roberto. **Exercises for rebel artists: radical performance pedagogy**. New York: Routledge, 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2010.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (org.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

HOFF, Mônica. **Por uma pedagogia a pé**: a caminhada como construção poética. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 44, p. 21-36, jul./dez., 2015.

KOHAN, Walter. **Formación en Alfabetización Filósofica**. Rio de Janeiro: NEFI, 2023.

KOHAN, Walter. **Viajar para vivir**: ensayar. La vida como escuela de viaje. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2015.

KOHAN, Walter. **Viagens pela escola**: escritas e leituras inventadas. Seminário de Educação 2014: Educação e seus modos de ler-escrever em meio à vida. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

KOHAN, Walter Omar. O que pode um professor? In: AQUINO, Julio; REGO, Teresa Cristina (Org.). Deleuze pensa a educação. São Paulo: **Segmento**, 2007. p. 48-57.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **Ilha**: Revista de Antropologia, Santa Catarina, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2012.

MARCIAL, Adriana Pires. **Largo de Santo Antônio ontem... Largo da Carioca hoje**: o estudo das camadas de densidade simbólica e as narrativas urbanas. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MARQUES, Diego Alves. **Experiências erráticas**: pistas para a desobediência às performances corporais cotidianas urbanas. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista, 2017.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-48, jan./jun., 2008.

MEDEIROS, Rodrigo. (2019) **Pedro Miguel Cruz**: conceitos de fotografias, retratos, caricaturas e desfiguramentos na visualização de dados. Disponível em: https://medium.com/datavizbr/pedro-miguel-cruz-e-os-conceitos-de-fotografias-retratos-caricaturas-e-desfiguramentos-na-f8d5201ebd61. Acesso: 19 fev. 2025.

NARDIM, Thaise Luciane. **Exercícios de atenção**: arte da performance como metodologia de pesquisa. VIII Reunião Científica da Abrace. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PAIS, Ana (Org.). **Performance na esfera pública**. Lisboa/Portugal: Orfeu Negro, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PEREIRA, Abimaelson Santos. **Pedagogia do teatro e estéticas do urbano**: a cultura, a escola e a cidade na formação de professores. Tese (Doutorado em Artes), Universidade Estadual Paulista, 2022.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista, não deixe ele virar professor**: reflexões em torno do híbrido professor-performer. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista, 2013.

RODRIGUES, António. Performances urbanas: formas artísticas e intervenções urbanas. **Rev. Cult. Ext.** USP, São Paulo, v. 19, p. 43-57, mai., 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2011.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA, Kericles Pinheiro de Oliveira. **Cidade Alta e Alecrim**: a caminhabilidade em bairros tradicionais da cidade do Natal/RN. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SILVA, Renata Karla Magalhães; KOHAN, Walter. Sobre o escutar e algumas outras coisas perdidas. Revista **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v.31, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.5335/rep.v31.15901. Acesso em: 22 nov. 2024.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

UGLIARA, Milene Valentir. **Errâncias na metrópole**: a experiência do Coletivo Mapa Xilográfico. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista, 2013.

XII CIFE. **Colóquio Internacional de Filosofia e Educação**: Errar? Núcleo de Estudos em Filosofias e Infâncias, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEFI/UERJ), 6 a 10 de maio de 2024. Disponível em: https://filoeduc.org/12cife/proposta.php. Acesso: 19 fev. 2025.

Recebido em: 28/02/2025.
Aceito em:12/05/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Karyne Dias Coutinho
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-Doutorado em Artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e em Artes Cênicas (PPGARC), e nos Cursos de Licenciatura em Teatro, do Departamento de Artes (DEART), e em Pedagogia, do Centro de Educação (CE). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender, que investiga conexões entre artes cênicas e educação.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2703-5839.
E-mail: kdiascoutinho@gmail.com.

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Yogi Medeiros de Brito Lucena
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Licenciado em Teatro e graduando no curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, ambos pela UFRN. Pesquisador no Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (CNPq-UFRN), que investiga conexões entre artes cênicas e educação.
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-4202-2089.
E-mail: britoyogi8@gmail.com.

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

COUTINHO, Karyne Dias; MEDEIROS DE BRITO LUCENA, Yogi. POÉTICAS DO CORPO-ESTUDANTE NA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-23, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE